

Capítulo 1

30 de Maio

Galguei o último degrau de acesso ao meu estúdio, aspirei o odor da lareira húmida e perguntei a mim mesmo quanto tempo demoraria até que uma chama errante consumisse tudo o que ali havia. Minutos, pensei. De braços cruzados, apoiei-me contra a parede e fitei todos aqueles olhos que me observavam. Abbie esforçara-se tanto para que eu acreditasse. Até me levava ao outro lado do mundo. Apresentou-me a Rembrandt, deu-me uma palmada no ombro e disse: «Tu consegues fazer isto». Por isso, pintei. Rostos, principalmente. A minha mãe plantou a semente que, anos mais tarde, Abbie regou, alimentou e podou. Na verdade, com uma boa chama e um corpo de bombeiros moroso, obteria mais dinheiro com o pagamento do seguro. Empilhadas em meu redor em fileiras de camadas contra as quatro paredes jaziam mais de trezentas obras poeirentas – o valor de uma década –, todas elas em óleo sobre tela. Rostos capturados em momentos que revelam emoções conhecidas pelos corações mas exprimidas por poucas bocas. Houve um tempo em que a inspiração surgia com tanta facilidade, com tanta fluidez. Recordo-me dos momentos em que mal conseguia esperar para entrar aqui, quando não conseguia retê-la, quando pintava em quatro telas em simultâneo. Todas aquelas noitadas em que descobrira o Vesúvio que havia dentro de mim.

A última década da minha vida estava a observar-me. Penduradas em tempos, esperançosamente, nas galerias por toda a Charleston, todas elas

tinham lentamente, uma por uma, regressado. Os auto proclamados críticos de arte decretavam pomposamente nos jornais locais que o meu trabalho carecia de originalidade, revelava ausência de sentimentos e, a minha preferida, era maçador e desprovido de habilidade artística ou entendimento.

Há uma razão para os críticos serem chamados «críticos».

No cavalete diante de mim, estendia-se uma tela branca. Coberta de pó, descorada pelo sol e fendida. Estava vazia.

Tal como eu.

Saí pela janela, junto à beira do telhado, e subi as escadas até ao ninho do corvo. Aspirei o odor a sal e lancei um olhar sobre as águas. Algures uma gaivota guinchou na minha direcção. O ar estava espesso e denso e cobria a cidade de quietude. O céu sem nuvens tinha um odor a chuva e a Lua, bem alta e redonda, lançava sombras nas águas que marulhavam no tabique de betão a algumas centenas de metros. As luzes de Fort Sumpter brilhavam na distância a sudeste. Diante de mim, fundem-se os rios Ashley e Cooper. A maioria dos charlestonianos dir-lhe-á que é ali que ambos formam o oceano Atlântico. A ilha de Sullivan encontra-se a norte, junto com a praia onde costumávamos nadar. Fechei os olhos e escutei o eco das nossas gargalhadas.

Já tinha sido há algum tempo.

«A Cidade Santa», com os seus pináculos competitivos perfurando o céu nocturno, jazia tranquila atrás de mim, e por baixo alongava-se a minha sombra. Projectada sobre o telhado, puxava-me pelas calças, implorando-me que retrocedesse e arrastando-me para baixo. A armação de ferro que me sustinha havia sido criada cinquenta anos antes pela lenda local, Philip Simmons. Agora com 90 anos, o seu trabalho tornara-se no último grito da moda em Charleston e era extremamente requisitado. O ninho do corvo, tendo sobrevivido à tempestade, viera com a casa. Durante os treze anos que aqui vivêramos, aquela torrezinha de três metros quadrados tornara-se a plataforma nocturna de onde eu visualizava o mundo. O meu refúgio único e solitário.

O telemóvel começou a vibrar no meu bolso. No ecrã vi que se tratava do indicativo do Texas.

– Está lá?

– Doss Michaels?

– É o próprio.

– Daqui fala Anita Becker, assistente do Dr. Paul Virth.

– Sim? – a minha respiração era curta. Tanta coisa dependia das suas próximas palavras.

Fez uma pausa e depois prosseguiu.

– Queríamos telefonar e... – eu soube-o antes que ela o dissesse – dizer que o comité de supervisão se reuniu e decidiu os parâmetros do estudo. Nesta altura, apenas estamos a aceitar casos primários. Os secundários, não.

O vento mudou de direcção e fez girar o cata-vento que rangeu ao mover-se. O galo apontava agora para sul.

– No próximo ano, se este estudo avançar como esperamos, estamos a planear acrescentar um estudo em casos secundários... – a voz dela ia enfraquecendo. Ou talvez fosse eu. – Vamos enviar uma carta a recomendar Abbie para um estudo com os médicos Plist e Mackles fora de Sloan Kettering...

– Obrigado... Muito obrigado...

Desliguei o telefone.

O problema de apelarmos aos santos é que as preces caem frequentemente em saco roto. Não há nada como invocar directamente Deus. Porque, para começar, é algo impossível.

O telefone tocou uma segunda vez, mas eu deixei-o tocar. Um minuto depois voltou a tocar. Olhei para o ecrã e li «Dr. Ruddy».

– Olá, Ruddy.

– Doss – a sua voz era calma. Suave. Conseguia vê-lo, inclinado sobre a secretária, com a cabeça a repousar sobre as mãos. A cadeira dele rangeu. – Chegaram os resultados dos exames. Se pudessem aproximar-se ambos do altifalante, talvez pudéssemos conversar através dele.

O seu tom de voz disse-me tudo.

– Ruddy, ela está a dormir. Finalmente. Dormiu quase todo o dia de ontem. Talvez pudesses comunicar-me os resultados a mim.

Ele leu nas entrelinhas.

– Estou contigo – uma pausa. – Umm...são, uhh... – Estava sem palavras. Ruddy tinha sido o nosso médico assistente desde o início.

– Doss... lamento.

Ficámos a escutar-nos mutuamente.

– Quanto tempo?

– Uma semana. Talvez duas. Mais tempo se conseguires mantê-la na horizontal... e imóvel.

Soltei uma gargalhada forçada.

– Conhece-la bem.

– Sim – disse com um suspiro profundo.

Guardei o telemóvel de novo no bolso e esfreguei a barba de dois dias. Os meus olhos estavam fitos na água, mas a minha mente estava a uns trezentos quilómetros de distância.

De mãos vazias e pulmões meio-cheios, desci as escadas e entrei de novo pela janela. Percorrendo com os dedos a estrutura fixa na parede, desci outro patamar. A escadaria era estreita, construída com tábuas de pinho de trinta centímetros de largura, a qual, pelo facto de ter cerca de duzentos anos de idade, rangeu ruidosamente – escrevendo uma história de antiguidade e dos piratas embriagados que por ela desciam aos tropeções.

O som fez com que ela erguesse as pálpebras, mas eu duvidava que estivesse a dormir. Os lutadores não dormem entre os assaltos. Uma brisa cruzada deslizou através das janelas abertas e difundiu-se pelo nosso quarto, provocando pele de galinha na barriga das suas pernas.

Senti passos no andar de baixo, por isso atravessei o quarto, fechei a porta e regressei. Sentei-me junto dela, ajeitei o cobertor de lã sobre as suas pernas e recostei-me contra a cabeceira da cama.

– Há quanto tempo estou a dormir? – sussurrou.

Encolhi os ombros.

– Desde ontem?

– Quase.

Embora conseguíssemos controlar as dores com a medicação, não conseguíamos impedir os seus efeitos debilitantes. Ela permanecia deitada, imóvel durante horas, enfrentando uma batalha interior na qual eu representava o papel de um espectador impotente. Depois, por razões que nenhum de nós conseguia explicar, ela experimentava momentos, por vezes até mesmo dias, de uma lucidez total, quando a dor cedia e ela se mostrava o mais normal possível. Depois, com um ligeiro aviso, a dor voltava e ela dava novamente início à sua batalha privada. É nessa altura que se aprende a diferença entre cansaço e fadiga. O sono cura o cansaço, mas não tem qualquer efeito sobre a fadiga.

Ela aspirou o ar, captando os últimos resquícios da loção da barba dele que ainda pairavam no quarto. Abri a janela.

– Ele esteve cá? – perguntou erguendo um sobrolho.

– Sim – respondi, com os olhos fitos na água.

– Como é que correu?

– Normal.

– Assim tão bem, huh? O que é desta vez?

– Ele... – ergui ambas as mãos no ar executando com os dedos o sinal de asas – «vai mudar-te».

– Para onde? – perguntou, sentando-se na cama.

– «Para casa» – respondi, com mais asas.

Ela sacudiu a cabeça e soltou uma exalação tão profunda que as suas faces incharam como um peixe-balão.

– Para ele, é o caso da minha mãe que se repete. – Encolhi os ombros.

– O que decidiste?

– Não decidi. Decidiu ele.

– E?

– Vai enviar um grupo de pessoas pela manhã... para «virem recolher-te».

– Até parece que vem recolher o lixo – apontou para o telefone. – Dá-mo cá. Não me interessa se ele está a dois passos do presidente.

– Querida, eu não vou permitir que ele te leve para lado nenhum – afirmei, dando um piparote a um pedaço de tinta do peitoral da janela.

Ela escutou o som de passos no andar de baixo.

– Mudança de turno?

Acenei em afirmação, observando uma barcaça a subir lentamente o rio Ashley.

– Não me digas que ele também falou com eles.

– Oh, sim, ele pôs toda a gente à vontade. Basicamente, deu-lhes uma descompostura disfarçada de encorajamento. Adoro a forma como ele te proporciona o que pretende sob a pretensão de que é o melhor para ti – sacudi a cabeça. – Manipulação de mágico.

Ela enrolou a perna em redor da minha, usando-a como alavanca para erguer a cabeça e permitir que os seus olhos se encontrassem com os meus. As coxas outrora tonificadas davam lugar a joelhos ossudos, veias finas e canelas esguias como palitos. O osso íliaco esquerdo, o pico

outrora voluptuoso da cintura de vespa, projectava-se para cima através da camisa de dormir que caía de modo frouxo sobre a pele. Depois de quatro anos, a pele dela estava quase translúcida – uma tela desbotada pelo sol. Agora via-se dependurada sobre a sua clavícula como se estivesse num estendal.

O som dos passos no andar de baixo tornou-se mais ténue à medida que as pessoas se encaminhavam para a cozinha. Ela olhou para o chão.

– São boas pessoas. Fazem isto todos os dias. Nós só temos de o fazer uma vez.

– Sim... e uma vez é suficiente.

A nossa cama de dossel era uma daquelas peças sulistas antigas que deixam loucas as mulheres do Sul. De mogno escuro, ficava a um metro e vinte do chão, estava apoiada por degraus de ambos os lados e Deus nos ajude se caíssemos dela durante a noite. Havia duas vantagens: Abbie dormia ali e, quando me deitava de lado, a minha linha de visão ficava acima do peitoril da janela, proporcionando-me uma vista do porto de Charleston.

Lançou um olhar pela janela para onde o mundo se desenrolava como um mapa, as luzes verdes e vermelhas do canal a cintilarem na nossa direcção. Vermelho, direita, regressar¹. Fez deslizar os seus dedos por entre os meus.

– Como é que ela está vista daí de cima?

Afrouxei o cachecol e deixei-o cair sobre os seus ombros.

– Linda.

Rebolou na minha direcção, poisou a cabeça no meu peito e deixou correr os seus dedos pelo interior do botão do colarinho da minha camisa onde cresciam dois dos meus pêlos.

– Precisas de fazer um exame à cabeça – disse, sacudindo a cabeça.

– Engraçado. O teu pai disse-me exactamente o mesmo.

Fitei de novo a água, percorrendo com um dedo o contorno do seu ouvido e pescoço. Um barco de pesca do camarão estava a sair para o mar.

– Na verdade, ele anda a dizer-te isso há quase catorze anos.

– Pensas que por esta altura já devia dar-lhe ouvidos?

¹De «Red, right, return», uma mnemónica muito usada pelos marinheiros ao entrarem num porto e que significa manter a bóia vermelha do lado direito do barco.

As luzes do mastro do barco de camarão avançavam lentamente de leste para oeste, parecendo deslizar sobre a superfície do oceano à medida que atingiam as ondas mais elevadas.

Tinha os olhos encovados, as pálpebras escuras e sem brilho, como se nelas tivesse sido tatuada sombra para os olhos.

– Promete-me uma coisa.

– Já o fiz.

– Estou a falar a sério.

– Está bem, mas desde que não envolva o teu pai.

Ela pressionou o polegar contra o indicador, apanhou um dos meus cabelos do peito e arrancou-o.

– Ei – disse, esfregando o peito – não é como se eu tivesse um suplemento dessas coisas.

Os dedos dela, tal como as pernas, eram longos. Agora que estavam mais esguios, pareciam ainda mais longos.

– Já terminaste? – perguntou apontando para o meu rosto. Executou um círculo com o dedo em redor da abertura da minha camisa – Porque estou a ver mais um.

É assim mesmo a minha Abbie. Com treze quilos a menos e continua a dizer piadas. E é àquilo que me agarro. Àquilo mesmo. Aquele dedo no rosto, o dedo que ameaçava força, prometia humor e dizia, «Amo-te mais do que a mim mesma».

– Pensas que vocês dois alguma vez conversarão? – perguntou arranhando o meu peito e acenando para a fotografia do pai.

Examinei a fotografia. Tinha sido tirada na última Páscoa, no momento em que ele baptizava o seu novo queridinho, *Reel Estate*. Estava de pé, com a garrafa partida segura pelo gargalo, o champanhe a pingar da proa, o cabelo branco revoltado pela brisa marítima. Sob outras circunstâncias, teria gostado dele e, por vezes, penso que ele poderia ter gostado de mim.

– Oh, tenho a certeza de que ele falará – respondi lançando um olhar à fotografia sobre a cómoda.

– Sois ambos mais parecidos do que pensas.

– Por favor...

– Estou a falar a sério.

Ela tinha razão.

– Ele ainda me irrita.

– Bem, a mim também, mas continua a ser o paizinho.

Permanecemos deitados na obscuridade, escutando os passos atarefados dos estranhos bem-intencionados e indesejáveis abaixo de nós.

– Pensas que algum dia – perguntei com os olhos fixos no solo de onde vinha o som – inventarão um nome melhor do que casa de repouso?

– Porque perguntas? – inquiriu, revirando os olhos.

– Tem um som tão ... – respondi num tom sumido.

Ficamos em silêncio durante mais algum tempo.

– O Ruddy telefonou?

Acenei afirmativamente.

– Os três?

Acenei novamente em afirmação.

– Não há melhoras?

Sacudi a cabeça.

– E em relação ao tipo de Harvard?

– Falámos ontem. Ainda estão a alguns meses de iniciarem essa experiência.

– Sloan Kettering?

Sacudi a cabeça.

– E o *website*?

Dois anos antes havíamos criado um *website* para pessoas com a mesma doença de Abbie. Tinha-se tornado um centro coordenador de informação através do qual recolhemos bastante informação. Acabámos por conhecer muitas pessoas que nos conduziram a quem realmente percebia do assunto. Foi um excelente recurso.

– Não.

– Que chatice.

– Tiraste-me as palavras da boca.

Silêncio novamente, enquanto ela observava uma unha sem verniz. Finalmente, olhou para mim.

– Oregon?

O *Oregon Health Science University*, ou OHSU, estava na vanguarda do desenvolvimento de uma nova terapia sistémica que tinha como alvo o cancro ao nível celular. Material mesmo muito avançado. Mantivemos o contacto com eles durante vários meses na esperança de que surgisse

algum ensaio clínico no qual pudéssemos participar. No dia anterior, tinham estabelecido os parâmetros do ensaio. Por ter removido o órgão de origem, Abbie não se qualificava para o mesmo. Sacudi a cabeça.

– Podem abrir uma exceção?

Sacudi a cabeça pela segunda vez.

– Perguntaste?

O cancro retirara-nos tanto. E, contudo, tudo o que eu podia fazer era sentar-me e assistir. Embora segurasse na mão dela, lhe levasse a sopa, lhe desse banho e a penteasse, não havia forma de o extirpar. Independentemente das armas com que o combatíamos.

Eu queria retirá-lo. Queria matá-lo. Retalhá-lo em mil pedaços dolorosos, depois espezinhá-lo na terra, esmagá-lo completamente e erradicar o seu odor da face do planeta. Mas ele não chegou até aqui por ser estúpido. Nunca mostra o rosto e é difícil eliminar algo que não podemos ver.

– Perguntei.

– E M. D. Anderson em Houston? – Não respondi e ela repetiu a pergunta.

– Eles telefonaram e... – consegui pronunciar num sussurro – ainda estão a duas, talvez três, semanas de uma decisão. O uhh... – estalei os dedos – ... o comité de supervisão não pode reunir-se por uma razão qualquer. Alguns dos médicos estavam de férias... – sacudi a cabeça desviando o olhar.

– Outra espera-padrão – disse revirando os olhos.

Assenti. Uma folha A4 amarela jazia dobrada em três sobre a mesinha de cabeceira. A caligrafia de Abbie sobressaía, cobrindo a página inteira. Por baixo encontrava-se um envelope vazio. Uma esferográfica Parker prateada repousava sobre tudo, servindo de pisa-papéis.

Com o olhar perdido pelo porto, manteve-se quieta durante bastante tempo.

– Quando foi a última vez que dormiste? – perguntou

Encolhi os ombros. Puxou-me para trás e repousou a cabeça sobre o meu peito. Quando abri novamente os olhos eram três horas da manhã.

– Doss? – o sussurro dela quebrou o silêncio. A camisa de dormir descaíra e pusera um ombro a descoberto. Outra recordação do que tinha sido arrebatado. – Estive a pensar. – Uma carroça puxada por um cavalo desceu a rua pavimentada e passou sob a janela.

Não sou uma pessoa vingativa. Não me zango com facilidade e a maior parte das pessoas que me conhece é de opinião que não ferve em pouca água. A paciência é algo que possuo em grande quantidade. Quem tem asma percebe o que estou a dizer. Talvez seja por isso que tantas pessoas me pedem que as leve a pescar.

Ela fitou o artigo de jornal, emoldurado, tingido pelo sol e pendurado na parede.

Tinha sido há seis meses. O jornal de Charleston estava a escrever algumas historiazinhas agradáveis sobre as celebridades locais e as suas resoluções de Ano Novo. Pensavam que talvez viesse dar-nos algum alento. Eles telefonaram e perguntaram a Abbie se podiam entrevistá-la.

O repórter veio cá a casa e sentámo-nos no alpendre a observar a maré a espriaiar-se. Com a esferográfica na mão, aguardava que ela expusesse rapidamente as ideias fantásticas. As respostas dela surpreenderam-no. Reclinou-se, reflectiu acerca de tudo o que tinha escrito e virou a lista para cima.

– Mas...?

Ela empertigou-se e inclinou-se na direcção dele, fazendo-o recuar.

– Alguma vez assistiu ao início dos *Jetsons*?

– Sim, claro – respondeu, parecendo surpreendido.

– Lembra-se de quando George e Astro saltam para a passadeira rolante? – Ele acenou afirmativamente. – Isso somos nós há quatro anos.

– Deu uma palmadinha no bloco de notas dele e acrescentou – Essa é a minha melhor jogada para cortar a corrente.

– Mas não há aqui nada... – prosseguiu, encolhendo os ombros.

– De extraordinário? – perguntou, terminando a frase dele. – Eu sei. Na verdade, é tudo perfeitamente normal. O que é exactamente o que pretendo. «Normal» é uma recordação – olhou para mim e prosseguiu –, os últimos anos purificaram-nos de tudo o que é extraordinário. – Colocou os óculos de sol. – Passámos tempo suficiente a lutar para manter a cabeça à tona da água e descobrimos o que realmente é importante para nós. Esta é a minha forma de lutar, é tudo. Não inclui subir ao Monte Everest, correr com os touros em Pamplona ou dar a volta ao mundo num balão.

Reclinou-se na cadeira e escondeu com as mãos as lágrimas que lhe corriam pelo rosto.

– Necessito de... – explicou, segurando-me na mão – ... me sentar numa praia e sentir a brisa, sorver daquelas bebidas decoradas com sombrinhas e preocupar-me com as combinações de cor da cozinha de outra pessoa... Embora eu gostasse de fazer um *loopy-loop* num avião antigo – acrescentou, depois de pensar durante um segundo.

Ele pareceu confuso.

– O que é isso?

– Sabe como é... um *loopy-loop* – respondeu, executando um largo círculo no ar com a mão.

– Posso acrescentar isso à lista?

– Pode – intervim.

Ele publicou a lista como ela a enunciara. Ao invés de a denominar como «resoluções», deu-lhe o nome de «Os Dez Desejos Mais» para o ano. Algo na lista provocou uma resposta emocional da parte dos leitores. Talvez tivesse sido a simplicidade, o grau de coragem e a honestidade. Não sei bem. Durante os últimos cinco meses, Abbie tinha vindo a receber inúmeras cartas e uma enorme afluência no *website*. Para lhe recordar daquilo que em tempos ansiara e desejara, emoldurei o artigo e pendurei-o ao lado da cama. O único problema era que com tudo o que havíamos experimentado durante a primeira parte do ano, ainda não conseguíamos realizar nenhum dos desejos. Ela apontou para a lista e pediu:

– Dá-ma cá.

Limpou o pó da moldura com a camisa de dormir e viu-se reflectida no vidro. Em seguida, desapertou as linguetas da parte de trás, puxou o cartão para fora e retirou o artigo de detrás do vidro. Meio a rir, e principalmente a sorrir, releu o artigo e sacudiu a cabeça.

– Ainda desejo o mesmo.

– Eu também.

– Quero dar-te o teu presente de aniversário – disse, reclinando-se na cama.

– Cinco meses antes?

– Surprende-me que te recordes da data.

– Não quero nada.

– Vais querer isto.

– Não preciso de nada.

– Isso é o que tu pensas.

– Querida...

– Doss Michaels – puxou-me para ela. – Não vou fazê-lo aqui. Não desta forma. – Desviou com um dedo o cabelo da minha frente. A sua expressão corajosa voltara. – Não vou fazê-lo.

Está a ver aquilo? Aquilo ali? Nestes quase quinze anos em que a conheço, Abbie sempre possuiu e exibiu uma qualidade que nunca fui capaz de explicar. Algo que tenho debaixo da língua, mas a que nenhuma expressão faz justiça. Todas as elocuições fracassam. Mas, embora o nome me escape, o seu poder não.

– Mas... – protestei.

– Aqui não.

Não adiantava discutir com ela quando ficava assim, estivesse doente ou não. E embora não o admitisse, herdara aquilo do pai. A única resposta possível era «sim, senhora». É estranho como duas palavras podem mudar-nos para sempre. Pousei o artigo aberto sobre a cama diante dela.

– Escolhe um.

– O caminho todo desde Moniac. – apontou sem olhar.

Número dez. De toda a lista, era o mais impossível. Ergui ambas as sobranceiras em admiração.

– Sabes que estamos a dois dias do primeiro de Junho? – Ela acenou afirmativamente. – E que isso marca oficialmente o início da estação dos tufões? – Acenou novamente em afirmação. – E que os mosquitos gigantes estão neste preciso momento a sair dos ovos?

Ela fechou os olhos e assentiu uma última vez com um sorriso malicioso.

– E ele? – perguntei, apontando para a casa dos pais dela alguns quarteirões abaixo da nossa.

Respondeu com uma palmadinha sobre a folha A4 amarela que jazia sobre a mesinha de cabeceira.

– E quando perceber tudo, chama a Guarda Nacional.

– Talvez não – disse, sentando-se, agora mais concentrada. – Podias falar com o Gary. Ele pode receitar algo. Algo para ... Ei – disse, pressionando o dedo contra os meus lábios. Queria que olhasse para ela. As extremidades estavam desfocadas e eu sabia que isso se acrescentava ao peso sob o qual ela já vivia. Voltei-me.

– Alguma vez quebraste alguma promessa que me tivesses feito?
– Que me lembre não.
Dobrou o artigo e introduziu-o no bolso da minha camisa.
– Então não comeses agora.
Nenhuma das opções era boa.
– Abbie, o rio não é lugar para...
– Foi onde começámos.
– Eu sei disso.
– Então leva-me de volta.
– Querida, não há lá nada senão uma grande quantidade de dor. Não vai ser o mesmo.
– Deixa esse julgamento por minha conta – lançou um olhar para sul através da janela.
– Sabes o que Gary disse – tentei uma última vez.
Acenou em afirmação.
– Doss, eu sei o que estou a pedir – disse, dando-me uma palmadinha no peito. – Dizem que chegámos ao fim – Sacudiu a cabeça e pressionou os seus lábios contra o meu rosto. – Por isso, vamos começar de novo.
E assim fizemos.

Capítulo 2

1 de Junho, 2 horas da manhã

Uma chuva torrencial fustigava o pára-brisas. A intervalos de poucos segundos, pedras de granizo do tamanho de bolas de golfe estalavam contra o *capot* e o tejadilho, ressoando como fogo-de-artifício. Inclinei-me para a frente e limpei a parte interior do vidro com a palma da mão, mas o resultado foi quase tão bom quanto o do pára-brisas. Há cerca de 140 quilómetros, um semiatrelado arrastando um cabo hidráulico partido passou por nós na faixa da esquerda e borrifou a parte da frente do jipe com líquido dos travões e chispas. A mancha de óleo e água, misturada com os faróis dianteiros e a escuridão das duas horas da manhã, conferia ao mundo uma tonalidade de Coca-Cola. A região estava a sofrer uma seca. O jazigo aquífero estava em baixo e as pessoas desde o sul da Geórgia até à Florida Norte estavam sujeitas a restrições de água. Poucas áreas sentiam mais os efeitos do que o rio. O leito estava entre dois e três metros abaixo do normal e embora este dilúvio fosse necessário, a maior parte dele jamais atingiria o rio.

Nos anos 50, antes das auto-estradas interestaduais retalharem os Estados Unidos em seis faixas de precisão, maravilha, eficiência e liberdade, as suas mais pequenas e menos eficientes duplas faixas gémeas serpenteavam polidamente através e em redor de uma América de cidades pequenas – com cuidado para não perturbarem a harmonia das árvores de noqueira-pecã, carvalhos vivos e aviários de quatro gerações. Salpicada de blocos de cimento, motéis de tipo familiar, bombas de gasolina e

restaurantes com refeições económicas, a Estrada Nacional 1 – algo como a Estrada 66 da costa este – era a tábua de salvação de todos os caixeiros-viajantes e famílias em férias desde o Maine até Miami. Por entre as bancas de sumo de laranja grátis, lojas de velharias, *Alligator farms* e lojas de recordações entre estados pejudas de bolos de fruta já secos e Mountain Dew², a estrada representava a cultura americana no seu apogeu.

Procurando manter-me acordado, liguei o rádio. Um meteorologista estava a meio de uma reportagem e a chuva forte fustigava o microfone. Os seus brados sobrepunham-se ao som do vento: «Há quatro semanas, uma depressão tropical atravessou a porção meridional da África Ocidental. Nos sete dias que se seguiram, o sistema de tempestade tropical prosseguiu ao longo da costa de África e do Atlântico tropical. Depois de atravessar o mar das Caraíbas, as imagens de satélite a 30 de Maio mostram um padrão estrutural de nuvens sobre o mar das Caraíbas sul-central. E, a 23 de Maio, a tempestade tropical Annie – assim denominada por ser a primeira tempestade do ano – fortaleceu-se e moveu-se para norte. Às seis da manhã de hoje, Annie transformou-se num tufão». Desliguei o rádio e olhei fixamente através do limpa-pára-brisas. Os guias do rio tornavam-se, à revelia, meteorologistas não assumidos. Éramos forçados a isso. É a própria natureza do trabalho. Limpei novamente o vidro. De ambos os lados da estrada alinhava-se agora uma fileira de imponentes pinheiros. Eliminei a hipótese proposta pelo meteorologista. A chuva que estávamos a experimentar não tinha nada a ver com Annie e, dada a sua localização, iria dissipar-se muito antes de chegar à Florida.

Alongando-se para sul desde Waycross, Geórgia, até à fronteira da Florida, situa-se um pântano repleto de turfa de cerca de mil metros quadrados que paira como um ovo escalfado no interior de uma depressão em forma de pires e que outrora, mais do que provável, fez parte do fundo do oceano. Quando as plantas morrem, caem para o solo do pântano onde se decompõem – um processo que emite metano e dióxido de carbono – produzindo turfa. E pelo facto de a decomposição ser um processo lento, demora cinquenta anos a acrescentar outra polegada de

²Bebida não alcoólica fabricada pela Pepsi nos Estados Unidos.

turfa à base do pântano. A espessa teia aprisiona o gás, fazendo pressão e forçando as ilhas no sentido ascendente, tal como rolhas de cortiça flutuando à superfície. À medida que sobem, o gás é libertado e, na subida, este brilha tal como se fosse uma aurora boreal submersa. Em meados de 1900, os visitantes alegavam a existência de OVNI's, estabeleceram passeios e procuraram vender bilhetes até os cientistas aparecerem e provarem o contrário. Desde a sua formação, as massas de turfa têm sido instáveis e vibrantes, um pouco como as placas terrestres mas mais líquidas, fazendo com que os índios Choctaw dessem ao lugar o nome de «A Terra dos Tremores de Terra».

Em inglês soa como «Okee-fen-o-kee».

À superfície, é virgem e intocada. Inabitável para a maioria dos homens. Para todos os efeitos práticos, serve de escoadouro para a parte sudeste da Geórgia e para a secção nordeste da Florida.

«Escoadouro» é a palavra-chave aqui. Tal como todos os escoadouros, há um limite para aquilo que conseguem escoar num determinado período de tempo.

Quando enche, o pântano transborda para esses dois locais. Assemelha-se bastante com Nova Orleães, mas apenas com dois orifícios no dique e com muito menos criminalidade, jogo e prostituição. O tubo maior, denominado rio Suwannee, serpenteia por cerca de trezentos quilómetros para sudoeste ao longo da Florida e desemboca no golfo do México. O seu irmãozinho de duzentos quilómetros, o St. Marys, serpenteia primeiro para sul, para Baldwin, para ao longo da parte de cima de Macclenny, vira em direcção a norte para Folkston, depois executa uma curva abrupta para a direita, para leste, onde finalmente lança o seu conteúdo contorcido no Cumberland Sound e no oceano Atlântico.

Dada a sua tonalidade de chá, o St. Marys é considerado como um rio de águas poluídas. Há cerca de duzentos anos, os marinheiros costumavam aventurar-se no Cumberland Sound e correr rio acima cerca de oitenta quilómetros até Trader's Hill, para encherem os seus barris até estes transbordarem, porque o ácido tânico mantinha a água potável durante longos períodos de tempo, tal como em viagens transatlânticas.

Em tempos de seca, o St. Marys consegue ser um pouco mais profundo e mais amplo. Na sua nascente em Moniac, consegue ser pouco mais do que um fio. Mas as chuvas prolongadas, que são a alma do

pântano, podem alongar as margens do rio – para mais perto do oceano – em mais de dois quilómetros de largura, com «fundões» de cerca de nove ou doze metros de profundidade. A taxa de escoamento normal pode ser de cerca de oitocentos metros por hora, ao passo que o fluxo de uma inundação pode ir de nove a doze quilómetros. Talvez mesmo dezasseis.

As inundações aqui podem ser uma coisa manhosa. Quando há uma enchente, ela aparece do solo para cima. Pelo facto de a chuva vir de outros lugares, a água surge sob os nossos pés sem aviso. Numa hora estamos a dormir, com uma lua cintilante e um céu estrelado, a margem a cerca de nove metros da nossa tenda. Seis horas mais tarde, acordamos para descobrir o saco-cama ensoado e a tenda a uns sete centímetros debaixo de água. As inundações aqui não caem em nosso redor. Erguem-se debaixo de nós. Vindas do nada.

As pessoas que vivem na margem do rio geralmente colocam duas questões antes de construírem uma casa: onde é que está a planície aluvial centenária e como é que faço para construir sobre ela? Dado que nenhuma companhia de seguros no seu perfeito juízo vai fazer um seguro contra inundações para a bacia do St. Marys, a maior parte das casas são construídas sobre palafitas.

Até mesmo as igrejas.

Apesar disto, as margens estão salpicadas de casas, campos de pesca, lagos, marinas, cordas de baloiço, cordas para deslizar sobre o rio, destilarias de *whisky*, pântanos e até mesmo uma colónia de nudistas bem escondida. Há uma grande agitação ao longo das margens, como se fossem formigas sob a superfície da sua colina. Da nascente até ao Sound, ela é uma das últimas paisagens virgens e intocadas do Sul do país.

A chuva tinha-me feito abrandar a velocidade, por isso encostei o jipe sob um viaduto e deixei-o em ponto-morto. Abbie estava deitada na parte de trás, meio-adormecida.

A intervalos de poucos minutos murmurava algo que eu não conseguia compreender.

Os tratamentos são o pior. Eles retalham-nos até ao nosso âmago, despojam-nos de tudo e deixam-nos com memórias fugazes. Abbie tentara durante muito tempo agarrar-se à vida mas, tal como a água, ela escapara-se por entre os dedos.

Arrastei-me até à parte de trás do jipe e deitei-me junto de Abbie. Ela contorceu-se sobre si mesma na minha direcção. Retirei do bolso da camisa o saco de plástico que continha o artigo de jornal amarelecido e amarrotado. Aprendera há alguns anos a usar tudo o que pudesse para alimentar as esperanças dela, mantê-la a pensar para além do momento presente. Porque se ela se concentrasse no aqui e agora, desceria rapidamente em espiral. Foi assim que aprendi a chegar aqui, andando de lá para cá.

Os seus olhos abriram-se o tempo suficiente para o reconhecerem. Sorriu e acenou em afirmação, querendo dizer que alinhava no jogo. «Gostaria de...», o sussurro era rouco e distante. Eram os medicamentos. O limiar da sua dor era demasiado elevado. Ela tinha muita prática. A expressão do seu rosto disse-me que estava a esquivar-se dela o melhor que podia.

Abbie sofrera sempre de enxaquecas. Interiorizava quase tudo e, no caso dela, a tensão tinha de ir para algum lado. Talvez o pai tivesse alguma coisa a ver com aquilo. As enxaquecas surgiam rapidamente e desapareciam com grande lentidão. Na época em que nos conhecemos, ela já tinha tentado uma dúzia de métodos terapêuticos diferentes, yoga, acupunctura e massagem profunda dos tecidos, mas todos eles com pouco ou nenhum alívio.

Quando estávamos sozinhos, ela colocava o meu dedo indicador um pouco acima da sua orelha. Era a forma de Abbie me dizer «Traça-me». A partir da têmpora, os meus dedos seguiam as linhas das orelhas e do pescoço, a clavícula, o movimento ascendente e descendente do peito, os braços, o pulso, os dedos, a colina dos quadris, a descida da coxa, o pequeno nó do joelho, a curva da barriga da perna e o arco do pé. Regra geral, adormecia e quando acordava a enxaqueca tinha passado.

Dei uma palmadinha ao artigo guardado no meu bolso e depois lentamente comecei a traçá-la.

– Número um?

– Dar uma volta num carrossel antigo – respondeu engolindo.

– Número dois? – incitei.

Ela leu os itens da lista um por um, por detrás das suas pálpebras.

– Fazer um *loopy-loop* num avião antigo.

Os itens não estavam por nenhuma ordem em especial, para além da registada pelo jornalista à medida que ela os recitava rapidamente de improviso. Quando um não fazia sentido para ele, questionava-a e ela explicava. Para preservar a simplicidade da lista, ele publicou-a tal como ela a dissera, mas o esclarecimento tornou-se numa nota parentética no seu artigo.

– Adoro a forma como dizes *loopty-loop*. Di-lo novamente. Mais uma vez.

Lambeu os lábios e a sua língua estava branca como o algodão. O primeiro «L» ficou preso no palato.

– *Loopty-loop*.

– Continua.

– Beber vinho na praia.

– Não estamos sequer a metade.

Ela poisou a cabeça sobre o meu peito e inspirou profundamente.

– Número quatro.

– Esqueci-me – respondeu depois de uma pausa.

Era bom saber que não perdera o seu sentido de humor.

– Duvido muito. – Ela quase riu. Sacudi o saco Ziploc que continha o artigo. – Estou à espera.

– Andar nua – disse, erguendo um sobrolho.

– E o número cinco?

A veia na sua têmpora direita apareceu azul e proeminente, o que significava que tinha a cabeça a latejar. Pressionou a palma da mão contra a fronte e manteve-a assim.

– Escala de um a dez? – perguntei.

– Sim.

Isso significava «nove ponto oito». Desapertei com um estalido ambos os fechos da mala Pelican e remexi o seu conteúdo. Os guias do rio chamam-lhe «caixa lontra». Flutua, é à prova de água e de choques. Há boas hipóteses de podermos lá meter o serviço de porcelana da nossa mãe, lançá-la das cataratas do Niágara e, quando dermos com ela lá no fundo, podemos usar os pratos para jantar. Encontrei o que necessitava, quebrei a ponta de segurança da seringa, retirei o ar e injectei a dexame-tasona no braço dela. Ela nem sequer se mexeu. Depois de quatro anos, eu era melhor a aplicar as injeções a Abbie do que o grupo de enfermeiras habitual.

- Nadar com os golfinhos – prosseguiu lentamente após alguns minutos.
- Continua. Estás a ter sucesso.
- Ir à pesca.
- Número sete.
- Posar – respondeu, com um riso abafado.
- Numero oito.
- Dançar com o meu marido – respondeu sem ler.
- Faltam duas.
- Rir até doer.
- E? Por último, mas não menos importante – imitei o toque do tambor com os dedos e executei um som de vibração com a língua.
- Descer o rio... desde Moniac.

Ela empurrou o meu chapéu para trás. Era um chapéu Banjo Patterson, de feltro, fabricado na Austrália por Akubra. Tinha uma coroa de $4\frac{1}{2}$ e uma aba de $2\frac{3}{4}$. Adquiri-o há cerca de oito anos porque pensei que me tornava parecido com o Indiana Jones. Agora estava desbotado, a aba subia e descia como a pista de uma montanha-russa e o meu polegar tinha formado uma concavidade no lugar onde eu apertava a coroa. Por mais que eu quisesse ter uma aparência vistosa e heróica, o meu reflexo assemelhava-se mais a Jed Clampett.

- Não vais mesmos usar esse chapéu patético, pois não?

Acenei afirmativamente.

- A minha cabeça passou cinco anos só para o moldar – respondi.

- Lá moldado está ele – respondeu ela, rindo-se.

O problema com uma lista de desejos é o que ela nos revela sobre a pessoa que a escreveu. Se for honesta, é impossível descer mais do que isto, é o que há de mais básico, um tiro directo na alma de alguém.

Os chapéus podem fazer o mesmo.